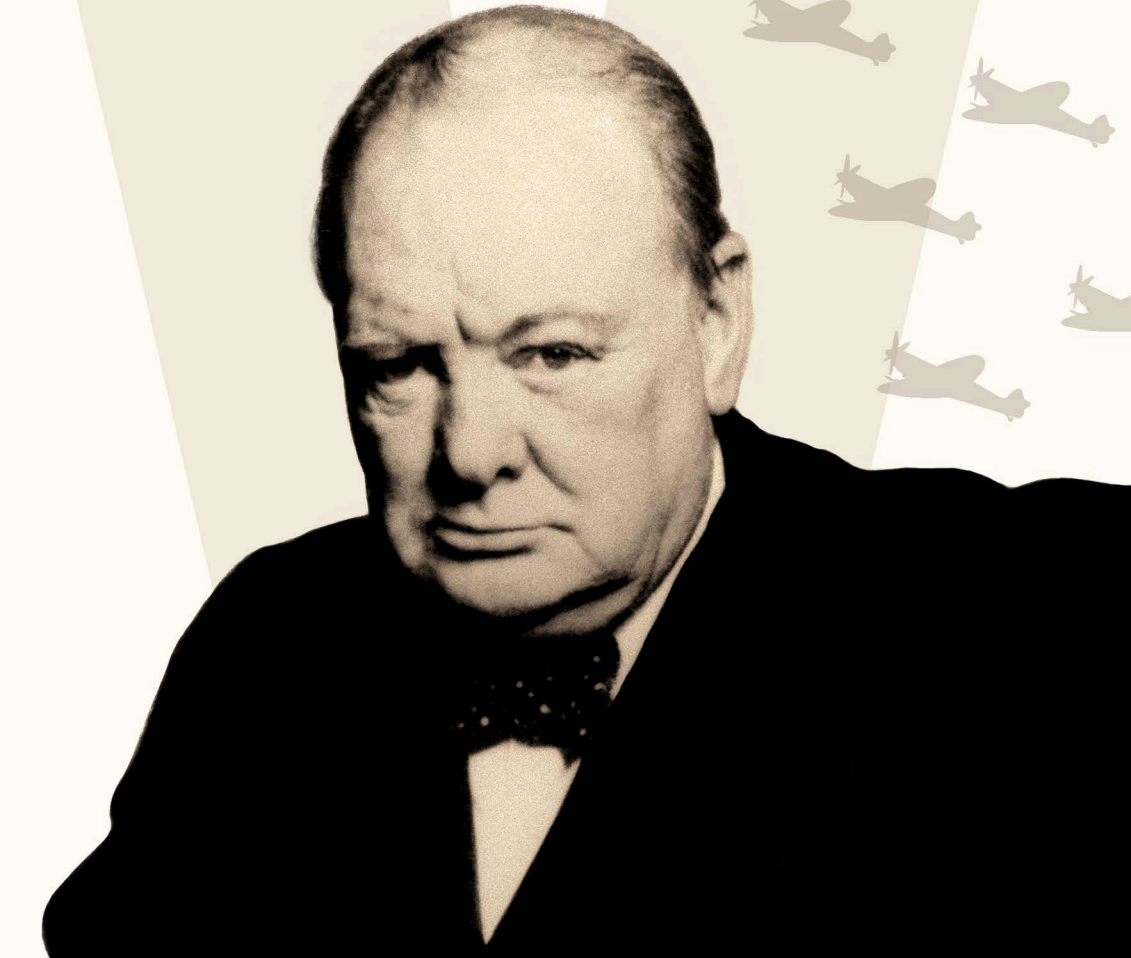


DANIEL SMITH

Autor de *Pensar como Steve Jobs* e *Pensar como Einstein*



Pensar como
CHURCHILL

.....
BIOGRAFIA INSPIRADORA DE UM DOS MAIORES
ESTADISTAS E ESTRATEGAS DO SÉCULO XX

v o g a i s

Para o meu pai

ÍNDICE

Introdução	9
Cronologia de Uma Vida Notável	15
Não Ficar Preso a Um Mau Começo.....	21
Superar as Lacunas Próprias	27
✦ <i>Ler como Churchill</i>	32
Acolher a Ambição.....	36
Satisfazer o Espírito de Aventura	41
✦ <i>A Grande Evasão</i>	46
Saber Contar Uma História.....	49
✦ <i>De Escritor por Encomenda a Prémio Nobel</i>	55
Encontrar o Parceiro Perfeito	59
✦ <i>Clemmie</i>	63
Refinar a Ideologia.....	68
✦ <i>Churchill, Conservadorismo e Liberalismo</i>	76
Aparar os Golpes.....	81
✦ <i>O Desastre dos Dardanelos</i>	85
Ser Pragmático... ..	88
... Mas sem se Esquecer dos Seus Princípios Orientadores	93
✦ <i>Churchill, o Democrata</i>	99

Ver para que Lado o Vento Sopra.....	103
Esperar o Melhor e Preparar-se para o Pior	112
✚ <i>Churchill e Hitler</i>	116
Recuar com Elegância	122
✚ <i>A Mudança para o Número 10</i>	126
Estar na Linha da Frente.....	130
A Forma como se Diz.....	135
Manter o Sentido de Humor.....	142
✚ <i>Churchill e as Depressões</i>	145
Relacionar-se com as Pessoas Comuns	148
Não Fugir, Lutar.....	153
O Lado Negro de Churchill	158
✚ <i>Churchill e o Império</i>	165
Tempo para as Melhores Coisas da Vida.....	170
Ser Magnânimo na Vitória	176
Ter a Aparência de Churchill	181
Ter Uma Vida fora da Política.....	185
✚ <i>Churchill, o Pintor</i>	189
Deixar um Legado: A Busca de Uma Paz Duradoura	193
✚ <i>Churchill e a Bomba</i>	197
Pensar Global	201
Ficar em Paz com Deus	208
O Maior dos Britânicos	214
Bibliografia Seleccionada	219

INTRODUÇÃO

«No grande palco, ele foi o maior de todos.»

GENERAL CHARLES DE GAULLE, EM TEXTO
ENVIADO A ISABEL II AQUANDO DA MORTE
DE CHURCHILL, EM 1965

Quando Winston Churchill nasceu, a 30 de novembro de 1874, numa das grandes famílias aristocráticas inglesas, tudo indicava que estaria destinado a deixar a sua marca no mundo. Não obstante, o seu caminho para a grandeza foi tudo menos fácil. Criado por uns pais distantes, a sua infância foi manchada pela infelicidade. Deixou a escola destacando-se como «aquele que poderia ter feito melhor» e optou por se alistar nas forças armadas, uma vez que os seus resultados académicos não lhe garantiam um lugar numa universidade de elite.

Impulsionado pela combinação de uma ambição desmedida, alguma sensação de merecer ser privilegiado, os seus demónios mais profundos e, diga-se, um verdadeiro sentido do dever, lançou-se numa dupla carreira de militar

e jornalista. Em poucos anos conseguiria ficar rico e independente, e extraordinariamente famoso em todo o Império. Estava preparado para embarcar na sua viagem de serviço público, entrando para a Câmara dos Comuns em 1900.

Churchill teve o que viria a provar ser uma notável carreira política, na qual mudaria de partido por duas vezes — dos conservadores para os liberais e vice-versa. Por vezes parecia ser uma espécie de jovem radical defensor de inovadoras reformas sociais. Noutros momentos, exibia uma tendência nitidamente conservadora, tendo ganho notoriedade (pelo menos *a posteriori*) pela sua desconfiança para com o movimento sufragista, pelas suas implacáveis ações durante a Greve Geral de 1926 e pelas suas atitudes políticas, manifestamente incorretas, em relação ao Império. Amigos e inimigos nunca sabiam exatamente o que esperar de Winston.

Depois de ter estado envolvido naquele que foi sem dúvida o maior desastre militar que se abateu sobre os Aliados na Primeira Guerra Mundial — a malfadada expedição de Gallipoli —, as suas hipóteses de poder prosseguir uma carreira política de primeira ordem pareciam ter-se esgotado. Em maior ou menor grau, passaria uma grande parte do quarto de século seguinte colocado à margem. Na década de 1930 seria ridicularizado e injuriado pelos seus rivais que o acusaram de ser um belicista, quando eles prosseguiram uma política de apaziguamento com Hitler. É claro que a história viria a dar razão a Churchill.

Em 1940, aos 65 anos de idade, Churchill possuía já uma carreira notável, cheia de altos e baixos. Se nessa altura tivesse regressado para a vida tranquila na casa de Kent em Chartwell, de que tanto gostava, teria sido lembrado como um dos gigantes da vida britânica no início do século xx. Em vez disso, tornou-se primeiro-ministro de um governo de

coligação (o dispositivo político que melhor parecia adequar-se ao seu temperamento, ao invés de governos de partido único) e conduziu a Grã-Bretanha desde os seus tempos mais sombrios até ao seu apogeu. Ao afastar a ameaça nazi que parecia destinada a dominar a Europa, conseguiu garantir ao mundo o tempo e o espaço necessários para, em última instância, derrotar os exércitos de Hitler. Ao fazê-lo, ganhou a reputação de ter sido o maior britânico de todos os tempos.

Os atributos por si exibidos entre 1940 e 1945 incluíam a capacidade de galvanizar uma população sujeita a intensas dificuldades e ameaças diárias à vida e à integridade física. Através de algumas das melhores peças de oratória até então ouvidas e de uma genuína força de vontade, conseguiu que a nação atravessasse o período da guerra enquanto os seus parceiros europeus se desmoronavam. Ao recusar a aprovação de qualquer derrota ou rendição, viu as forças britânicas serem obrigadas a negociar muitas ações de retirada até que, cerca de 1943, foram de novo capazes de chegar às linhas da frente. O ter mantido o sangue frio e, por todos os meios possíveis, ter estrategicamente tomado as decisões certas, contribuiu para transformar a derrota iminente numa vitória final.

Quando a guerra acabou, tinha 70 anos de idade e conquistado o direito de desfrutar de uma vida mais tranquila. Em vez disso, ainda participou, sem sucesso, nas eleições gerais desse ano. Apesar de a vitória do Partido Trabalhista o ter atingido de forma profunda (afinal, alguém tinha dado mais ao país nos últimos cinco anos?), permaneceria com uma figura pública amada como nenhuma outra. Contudo, passados apenas seis anos, já estava de volta a trabalhos de nível superior. Usaria, agora, as suas já debilitadas energias para combater as ameaças da Guerra Fria, na procura

de ajustamentos com os soviéticos, ao mesmo tempo que se esforçava para o estabelecimento de uma relação especial com os EUA. Por ser meio-americano pelo nascimento, e com a capacidade de ver que a América tinha gradualmente substituído a Grã-Bretanha como potência ocidental dominante, este era um relacionamento que perseguira fervorosamente durante décadas.

O tempo inexorável produziria os seus efeitos, mas Churchill deixou a vida pública apenas em 1964, quando abandonou o seu lugar de simples deputado. Morreria a 24 de janeiro de 1965, pouco depois do seu nonagésimo aniversário, sendo-lhe concedido um funeral de estado — o único civil a receber tal honra no século xx.

Para um homem que teve tantas fases distintas na sua vida, é difícil determinar com exatidão quem foi o verdadeiro Winston Churchill. No imaginário popular ele é aquela figura de *bulldog* que fumava charutos, que empolgava audiências com os seus discursos e lançava sinais de vitória para a *matilha* da imprensa durante a guerra. Na verdade, é bem provável que isto tenha sido ele no seu melhor. Mas a sua personalidade tinha muitas outras facetas — a de uma criança perdida, de um homem descomprometido com o império, do reformador social, do soldado, do amante da paz, do jornalista, do vencedor do Prémio Nobel, do político, do pintor, do maçom, do conhecedor da boa vida, do otimista, do depressivo, do imperfeito homem de família e de pai da nação.

No meio século que se seguiu à sua morte, não há uma figura britânica contemporânea cuja história tenha sido tão escrutinada como a de Churchill. É claro que houve quem o criticasse, e por vezes com razão. Pode ter sido teimoso e impetuoso, impulsionado pelo ego e, às vezes, insensível

para com o sofrimento dos outros (especialmente se eles não eram britânicos, não falavam inglês nem eram originários de uma «civilização cristã»). A moralidade de algumas das suas ações — tais como o ter autorizado a tempestade de bombas sobre cidades alemãs — continua a dividir nitidamente as opiniões. Mas poucos contestam de forma credível que ele tenha sido uma figura gigantesca do seu tempo e aquele que, apesar de todos os seus defeitos, providenciou o que a nação britânica precisava nos momentos mais agudos da crise. Por mera peculiaridade histórica, o advento de Hitler deu a Churchill a oportunidade de se alcandorar ao papel de herói, e ele aproveitou esse momento com coragem e carisma.

Pensar como Churchill olha para os traços de personalidade, as ideias, as crenças e algumas das outras principais influências que determinaram as suas ações nas várias fases da sua vida e ajudaram a definir a sua visão do mundo. O resultado é uma figura complexa, que combina extraordinários pontos fortes e atributos com humilhantes debilidades.

CRONOLOGIA DE UMA VIDA NOTÁVEL

1874	Winston Leonard Spencer-Churchill nasce no Palácio de Blenheim, em Oxfordshire, a 30 de novembro. Filho de Lord Randolph Churchill (terceiro filho do 7.º Duque de Marlborough) e da sua esposa americana, Jennie Jerome.
1880	O irmão de Winston, John Strange Spencer-Churchill, nasce a 4 de fevereiro.
1882	Winston frequenta a escola de St. George, em Ascot, Berkshire.
1884	Passa da escola de Ascot para uma em Hove.
1888	Começa a frequentar a Harrow School.
1893	Começa a formação como cadete de cavalaria na Real Academia Militar em Sandhurst.
1895	O pai de Winston morre a 24 de janeiro, com 45 anos de idade. Winston junta-se ao 4.º Regimento dos Hussardos como segundo-tenente e é-lhe concedida licença para prestar serviço com as forças espanholas em Cuba, ficando debaixo de fogo real pela primeira vez. Faz, por essa altura, a sua primeira visita aos EUA.
1896	É enviado com o exército para a Índia.

1897	Presta serviço na Força Territorial de Malakand na fronteira do Noroeste.
1898	Participa na batalha de Omdurman no Sudão.
1899	Deixa o exército para perseguir as suas ambições políticas. Falha a eleição para um lugar no parlamento por Oldham, no Lancashire. Viaja para a África do Sul como jornalista e faz reportagens das suas experiências. É detido durante um curto período pelos bóeres, tendo conseguido fugir de forma audaciosa. Junta-se depois à Cavalaria Ligeira Sul-Africana.
1900	É eleito pelos conservadores como membro do parlamento (MP) por Oldham. Publica o seu único romance, <i>Savrola</i> .
1901	Faz o seu primeiro discurso no parlamento. Junta-se ao Exército Territorial e mais tarde é nomeado capitão dos Hussardos da Rainha de Oxfordshire.
1904	Muda-se do Partido Conservador para o Partido Liberal.
1905	É nomeado subsecretário de Estado das Colónias.
1906	É eleito pelos liberais como membro do parlamento pelo eleitorado de Manchester Noroeste.
1907	Torna-se conselheiro privado do monarca britânico.
1908	Torna-se membro do parlamento eleito pelo Partido Liberal por Dundee, na Escócia, lugar que ocupa até 1922. Completa esse ano marcante ao casar-se com Clementine (Clemmie) Hozier a 12 de setembro, com a nomeação para presidente do Conselho de Comércio.
1909	Nasce Diana, a primeira filha dos Churchills.
1910	Torna-se ministro do Interior em fevereiro e exerce o cargo durante cerca de 18 meses.
1911	Nasce o seu filho Randolph. Churchill aparece em cena no infame cerco de Sidney Street. Em outubro, é nomeado Primeiro Lorde do Almirantado.

CRONOLOGIA DE UMA VIDA NOTÁVEL

1914	Eclode a Primeira Guerra Mundial. Churchill supervisiona pessoalmente a defesa de Antuérpia, em outubro. Entretanto, Clemmie dá à luz uma segunda filha, Sarah.
1915	Em maio renuncia ao cargo de Primeiro Lorde do Almirantado, depois do desastre dos Dardanelos. Torna-se chanceler do Ducado de Lancaster, um posto que detém até novembro. Volta a integrar o exército e presta serviço ativo na Frente Oeste na Primeira Guerra Mundial.
1917	Em julho é nomeado ministro das Munições na coligação de guerra de David Lloyd George.
1918	Termina a Primeira Guerra Mundial. Nasce a sua terceira filha, Marigold.
1919	É nomeado ministro da Guerra e do Ar.
1921	É nomeado secretário de Estado para as Colónias, cargo que ocupa até outubro de 1922. Desempenha também um papel fundamental na negociação do Tratado Irlandês. A sua mãe morre em junho e Marigold, a sua filha mais nova, morre em agosto devido a uma septicemia.
1922	Perde o assento parlamentar na eleição em Dundee. Clemmie dá à luz a quarta filha, Maria. Os Churchills adquirem Chartwell Manor em Kent, que se tornará o seu refúgio predileto.
1923	Não consegue ganhar as eleições intercalares para o parlamento em Leicester Oeste. Lança o primeiro volume de história <i>The World Crisis</i> . O quinto e último volume apareceria em 1931, onde Churchill completa a análise dos anos 1911-1928.
1924	Não consegue ganhar as eleições intercalares para o parlamento em Westminster, mas em outubro torna-se membro constitucionalista do parlamento por Epping, no Essex, servindo esse eleitorado até 1945. Regressa ao Partido Conservador, tornando-se ministro das Finanças em novembro.
1925	Promove o regresso da Grã-Bretanha ao sistema monetário do padrão-ouro.

1926	É um oponente determinado da Greve Geral.
1929	Renuncia ao cargo de ministro das Finanças após a vitória do Partido Trabalhista nas eleições gerais de junho.
1930	Iniciam-se os anos da «travessia do deserto» de Churchill, durante os quais não possui um alto cargo e é uma figura periférica no parlamento. Contudo, não deixa de manifestar, sem rodeios, advertências sobre a crescente ameaça da Alemanha de Hitler e torna-se um acérrimo opositor da política de apaziguamento do governo. Aproveita a década para escrever, fazer circuitos internacionais de palestras e aprofundar o seu interesse pela pintura.
1930	Publica a autobiografia <i>A Minha Juventude</i> .
1933	Hitler torna-se chanceler da Alemanha. Churchill publica o primeiro volume de <i>Marlborough: His Life and Time</i> (o quarto e último volume apareceria em 1938).
1938	Churchill lidera a condenação do Acordo de Munique estabelecido por Neville Chamberlain, que cede os Sudetas da Checoslováquia à Alemanha.
1939	Eclode a Segunda Guerra Mundial. A Grã-Bretanha declara guerra à Alemanha em setembro, após a invasão da Polónia pelos nazis. Churchill é mais uma vez nomeado como Primeiro Lorde do Almirantado.
1940	Substitui Neville Chamberlain como primeiro-ministro em maio, encabeçando um governo de coligação em tempo de guerra. Estimula a nação nas suas contendas com a Blitz, na Batalha da Grã-Bretanha e na evacuação de Dunquerque.
1941	A Rússia e os EUA entram na guerra, e a Grã-Bretanha declara guerra ao Japão.

1942	Churchill aprova a «tempestade de bombas» sobre as cidades alemãs previamente selecionadas. O general Montgomery leva as forças aliadas à vitória na batalha de El Alamein no norte de África, um evento que Churchill descreve como tendo sido potencialmente o «fim do início» da guerra.
1943	Os Aliados repelem as forças alemãs do norte de África e invadem a Itália. Churchill participa na Conferência de Teerão, a primeira conferência que inclui cada um dos líderes dos «três grandes» — Churchill, Roosevelt e Estaline.
1944	Os russos rompem o cerco alemão a Leninegrado que durava há 872 dias. Em maio, o Dia D leva as tropas aliadas às terras da costa da Normandia, na França, abrindo caminho para o fim da ocupação alemã, primeiro na França e depois em toda a Europa Ocidental.
1945	Fim da Segunda Guerra Mundial depois da vitória na Europa e da derrota do Japão após o lançamento de duas bombas atômicas. Churchill participa nas conferências de Ialta e de Potsdam ao lado de Estaline e do presidente Roosevelt (em Ialta, em fevereiro) e do presidente Truman, entretanto eleito (em Potsdam, em julho), onde se estabelece a reorganização da Europa do pós-guerra Preside a um governo de transição dos conservadores na sequência da dissolução da coligação governamental dos tempos de guerra. No entanto, os conservadores são derrotados pelo Partido Trabalhista de Clement Attlee nas eleições gerais de julho. Churchill torna-se deputado conservador por Woodford no Essex, cujo eleitorado servirá até se aposentar da Câmara dos Comuns em 1964.
1946	Num discurso proferido em Fulton College, nos EUA, Churchill adverte para a «Cortina de Ferro» que ameaça descer sobre a Europa.
1948	Publica o primeiro de seis volumes da <i>História da Segunda Guerra Mundial</i> . O último volume apareceria em 1953.

PENSAR COMO CHURCHILL

1951	Leva os conservadores à vitória nas eleições gerais e começa um segundo mandato como primeiro-ministro.
1952	Começa o revolta dos Mau-Mau no Quénia.
1953	Recebe o Prémio Nobel de Literatura e é feito Cavaleiro da Ordem da Jarreteira.
1955	Renuncia como primeiro-ministro a 5 de abril, devido à sua debilitada saúde.
1956	Publica o primeiro de quatro volumes da <i>História dos Povos de Língua Inglesa</i> .
1963	Torna-se cidadão honorário dos EUA. A sua filha, Diana, suicida-se, em outubro.
1964	Aposenta-se do parlamento em julho.
1965	Morre em Londres a 24 de janeiro, aos 90 anos de idade. É-lhe concedido um funeral de Estado e é enterrado, de acordo com a sua vontade, no adro da igreja de St. Martin em Bladon, no Oxfordshire.

Não Ficar Preso a Um Mau Começo

«Eu era o que os mais crescidos, de forma improvisada,
designavam por “rapaz problemático”.»

WINSTON CHURCHILL, EM *A MINHA JUVENTUDE*
(PUBLICADO EM 1930)



Winston Leonard Spencer-Churchill nasceu a 30 de novembro de 1874, em Blenheim Palace, uma casa senhorial resplandecente no Oxfordshire, uma região rural da Inglaterra. É difícil imaginar um local mais espetacular do que este como porta de entrada para o mundo.

Era descendente de John Churchill, o primeiro duque de Marlborough e uma das grandes figuras militares dos finais do século xvii e primórdios do século xviii. O momento mais alto do duque foi, sem dúvida, a vitória em 1704 na batalha de Blenheim, em solo alemão e sob o seu comando, durante a Guerra da Sucessão Espanhola. O seu triunfo ter-lhe-á rendido glória e riquezas quando regressou a Inglaterra, permitindo a Marlborough a construção da magnífica casa da família que batizaria com o nome da batalha.

O pai de Winston, Lord Randolph Churchill, foi uma importante figura pública. Foi eleito para membro do parlamento por Woodstock em Oxfordshire no mesmo ano do nascimento de Winston, iniciando aí uma rápida ascensão até ao topo da pirâmide política, quando foi apontado como

potencial primeiro-ministro na década de 1880. Em 1886 daria outro passo nessa direção após ser nomeado ministro das Finanças pelo primeiro-ministro, Lord Salisbury. Randolph tinha certamente a ambição de chegar à posição cimeira, mas esse desmesurado desejo viria a ser a causa da sua queda. Envolveu-se num braço de ferro metafórico com Salisbury, que não conseguiu vencer, e a sua carreira política entrou numa espécie de queda livre. Randolph Churchill viria a morrer em 1894, aos quarenta e poucos anos, amargurado e ostracizado.

Winston saía então de uma infância que não permitia supor que pudesse vir a chegar próximo de igualar os feitos dos seus ilustres antecessores. Era propenso a problemas de saúde, tinha várias limitações da fala (nas quais se incluíam o ceceo e a gaguez) e ostentava um currículo escolar que, na melhor das hipóteses, poderia ser descrito como irregular. Os seus relatórios escolares, a partir de 1888, por exemplo, apresentavam em pormenor vários dos seus defeitos, entre eles a falta de memória, o descuido e a falta de pontualidade.

Iniciou os seus estudos em St. George em Ascot, aos 8 anos, e as suas várias fragilidades físicas fizeram dele um alvo fácil de *bullying*. Talvez tenha sido essa experiência que, já adulto, o fez ser tão determinado a enfrentar inimigos aparentemente poderosos. Independentemente de tudo isso, o tempo que passou em St. George foi profundamente infeliz, tendo sido tratado de forma brutal por colegas e funcionários. Acabaria por se transferir para um estabelecimento escolar de muito menor prestígio (mas do qual gostaria muito mais) — a Escola Preparatória Misses Thompson em Hove, perto de Brighton, na costa sul da Inglaterra. Em 1888 iniciou um período de quatro anos de estudos em Harrow, uma das grandes escolas públicas

de Inglaterra (e *alma mater* de nada menos do que de oito primeiros-ministros britânicos).

É costume dizer-se que Churchill foi um estudante desleixado, mas tal afirmação é um pouco exagerada. É verdade que ele não era brilhante a matemática, debilidade essa que chegou a pôr em causa a sua entrada no Colégio Militar Real em Sandhurst, até que em 1893 conseguiu finalmente fazer o suficiente para passar. No entanto, tinha conhecimentos razoáveis de literatura e geografia, não era o pior em francês e era muito bom em história (mesmo que, para uma perspectiva moderna, ele tenha sido um pouco acrítico no que respeita às narrativas sobre o império que predominavam no seu tempo). Contudo, foi bem-sucedido extracurricularmente ao tornar-se campeão de esgrima das escolas públicas.

No entanto, a escola não era algo que combinasse com ele. Os seus pais e aqueles que o educaram desde cedo definiam-no como um preguiçoso fracassado. A sua avó era um pouco mais generosa nas suas observações: «Ele é um menino inteligente e não é impertinente, mas precisa de uma mão firme.» No entanto, os seus mestres mostraram-se incapazes de captar o melhor do jovem Winston. No livro *A Minha Juventude*, o seu trabalho autobiográfico de 1930, descreveria os seus dias na escola como «não só o menos agradável, mas o único período estéril e infeliz da minha vida». A sua angústia era agravada pelo que agora, provavelmente, considerá-riamos ser uma relação disfuncional com os seus pais. Ler a correspondência trocada com eles durante os tempos de escola chega a ser comovente, com Winston a procurar constantemente a aprovação parental e esta a ser-lhe consistentemente negada.

Winston idolatrou o seu pai até à idade adulta, como é exemplificado pela biografia muito amável (e provavelmente

imerecida) que sobre ele escreveu em 1905. Randolph foi um fantasma que acompanhou grande parte da vida de Winston, e o filho acabaria por espelhar o pai em certos aspetos. Por exemplo, ambos sofreram depressões, ambos tinham grandes dons de oratória, ambos foram ferozmente ambiciosos e ambos eram propensos a episódios de más decisões. No entanto, pai e filho nunca chegaram a conhecer-se bem a nível pessoal, dado que Randolph deu prioridade à sua carreira em detrimento dos seus descendentes.

Perversamente, quase parecia exercer o poder sobre o filho através da rejeição. Por exemplo, quando Winston tentava trilhar o seu caminho nos tempos posteriores a Harrow (e precisou de três tentativas para entrar em Sandhurst), Randolph avisou-o de que ele parecia estar destinado a ter uma «existência pobre, infeliz e inútil». Estas farpas não diminuiriam, no entanto, a estima de Winston pelo pai. Tal como ele o viria a dizer num artigo para a *Strand Magazine* em fevereiro de 1931: «Embora eu tenha falado com ele muito raramente e nunca, por um momento que fosse, em pé de igualdade, ganhei uma profunda admiração e afeto por ele e, depois da sua morte prematura, pela sua memória.»

Em contraste, a mãe de Churchill, Jennie, teve um vínculo bem mais profundo com Winston. No entanto, também ela era por vezes uma pessoa distante. Filha de um rico empresário de Nova Iorque, morreria em 1921 depois de uma longa viuvez, situação da qual não tiraria quaisquer benefícios, dado que Randolph lhe tinha deixado consideráveis dívidas. Mas ela era também um produto da sua classe e do seu tempo e, portanto, mantinha uma barreira entre si e o filho. Isso mesmo foi por ele lembrado em *A Minha Juventude*: «Eu amava-a muito — mas à distância.» De facto, sem dúvida que o relacionamento mais próximo de Winston

na sua infância foi com a sua querida ama, Mrs. Everest. «Ela foi», escreveria, «a minha mais querida e íntima amiga durante vinte anos da minha vida...»

Churchill pode, literalmente, ser a imagem da casa onde nasceu, mas a sua infância foi um desafio, marcado pela solidão, pelo insucesso e pela decepção. Quem o conheceu aos 20 anos não imaginaria as grandes coisas que estavam para vir. Contudo, para todos os reveses, o próprio Churchill tinha grandes reservas de autoconfiança que rapidamente o impulsionaram para o reconhecimento nacional. Mas é duvidoso dizer-se que ele acreditava ser capaz de eclipsar completamente os seus eminentes antepassados.

Superar as Lacunas Próprias

«Não tenho qualquer formação técnica
ou universitária, e apenas fui captando algumas
coisas que consegui acompanhar.»

WINSTON CHURCHILL, EM 1949



Se o sistema escolar não conseguiu fazer sobressair o melhor de Churchill, ele mesmo fez questão de investir em si mesmo logo que se libertou das suas garras. Em certos aspetos, ele foi um dos grandes autodidatas da história. Muitos dos temas que detestava quando foi obrigado a estudá-los acabou por vir a apreciar (ou pelo menos a respeitar) mais tarde.

Tomemos como exemplo o discurso que fez na Universidade de Oslo em 1948, em que admitiu ter mudado os seus pontos de vista sobre o estudo da literatura clássica. Teve uma forte antipatia pelo assunto na escola, sendo incapaz «de ser sensível aos frequentes apelos, por vezes dolorosos, que recebi para entender o encanto e a justeza das línguas clássicas». Agora, enquanto estadista decano, reconhecia o papel dos clássicos como aquilo que designava por «influência unificadora» na Europa e, de forma mais abrangente, em todo o mundo moderno.

Nada disso significa que Churchill tenha olhado com particular arrependimento para a sua relativa falta de sucesso escolar. Em boa verdade, ele estava convencido de que as suas

experiências acabaram por ter, para o bem e para o mal, um papel importante para o moldar como adulto. Por um lado, passou a acreditar que o seu domínio da língua Inglesa fora, pelo menos em parte, o resultado da sua exclusão do reino dos «meninos inteligentes». O ter sido colocado nos níveis inferiores deu-lhe uma «imensa vantagem» sobre os seus contemporâneos ostensivamente mais brilhantes, argumentaria, porque, enquanto aqueles foram encaminhados para o estudo do latim e do grego, a ele fora-lhe permitido concentrar-se na sua língua materna. Descreveria assim essa situação em *A Minha Juventude*:

Fomos considerados de tal modo burros que apenas poderíamos aprender inglês. Mr. Somervell — um homem encantador, ao qual muito devo —, foi incumbido do dever de ensinar aos rapazes mais estúpidos a mais desconsiderada das coisas, isto é, saber escrever em inglês... E é assim que eu tenho entranhada a estrutura essencial da fraseologia britânica — o que é uma coisa esplêndida.

E continuou a dizer que não se sentiu nunca em desvantagem quando, alguns anos mais tarde, os seus pares, célebres pela sua habilidade com o latim e o grego, tiveram de retomar o Inglês.

Depois de ter finalmente garantido o seu lugar em Sandhurst, Churchill começou a florescer. Fora desde o início um hábil cavaleiro e viria a ser o oitavo melhor entre cerca de 150 jovens, tendo-se alistado posteriormente no 4.º Regimento de Cavalaria dos Hussardos, em fevereiro de 1895. Sandhurst também lhe proporcionaria uma oportunidade para o seu autoaperfeiçoamento académico, que ele aproveitou

de forma ávida, lendo imenso — principalmente as obras que a sua mãe lhe fornecia. Nos seus momentos de folga devorava romances e tratados de história, filosofia e economia.

Sempre pragmático, e como uma figura de proa de uma pequena ilha-nação que durante a sua vida pôde continuar a proclamar-se como a maior potência mundial — abrangendo um quinto da população global sob a égide de um império no seu auge —, Churchill passou a apreciar o papel da inovação e da iniciativa empresarial como elementos do sucesso do país. Não fechou os olhos aos benefícios económicos inerentes ao bom funcionamento de um sistema de ensino. «Aqueles que pensam que podemos tornar-nos mais ricos ou mais estáveis como país regateando os custos com a educação dos nossos jovens», advertiu num discurso numa escola em 1925, «pertencem maioritariamente à classe ignorante dos seres humanos». Este seria um tema ao qual voltaria, mesmo durante o período de maior intensidade da Segunda Guerra Mundial, quando a sobrevivência imediata do país era a sua principal preocupação. Numa transmissão radiofónica, em 1943, declararia: «O futuro do mundo está nas mãos das raças com mais elevadas qualificações, que saibam lidar com os instrumentos científicos necessários para a preeminência em tempos de paz ou a sobrevivência em tempos de guerra.»

Mas, em última análise, ele acreditava numa educação liberal, no seu mais verdadeiro sentido — voltada para o desenvolvimento da pessoa como um todo. Em 1948 proferiu um discurso na Universidade de Londres, no qual desenvolveu o tema: «O primeiro dever da universidade é ensinar a sabedoria, e não os negócios; o carácter, e não pormenores técnicos», disse ele. Esta é uma interessante aproximação à educação que a si mesmo providenciou depois da escola.

Tendo por conta própria preenchido muitas das lacunas deixadas pela escola, isto era o que ele gostava de descrever como «uma educação minuciosa».

Subjacente à sua autoaprendizagem estava o seu desejo de um profundo compromisso com a história, ou não fosse a história uma coleção de relatos pertinentes sobre o que está por detrás tanto do sucesso como do fracasso. A sua determinação em aprender com a história apareceria em várias das suas declarações. Por exemplo, quando se dirigiu à Câmara dos Comuns em 1936 e disse: «Não nos podemos desfazer do passado, mas somos obrigados a passá-lo em revista a fim de extrair dele lições que possam ser aplicáveis no futuro...»

Oito anos mais tarde, quando já era primeiro-ministro, diria numa reunião do Colégio Real dos Médicos: «Quanto mais longe conseguirmos olhar para trás, maior é a possibilidade de olhar para mais longe no futuro.» E em 1953 diria a James Humes — um frequente autor dos discursos de Eisenhower, e que o seria também de três outros presidentes, Nixon, Ford e Reagan: «Estude a história, estude a história — na história residem todos os segredos do ofício do Estado.»

A grandeza de Churchill como líder em tempo de guerra não pode ser atribuída a uma única causa, mas a uma envolvente histórica que engloba tudo, desde a estratégia militar aos traços de personalidade dos líderes (os bons e os maus), que informaria o seu processo de tomada de decisão, o seu estilo de liderança e até mesmo a sua oratória, especialmente no seu primeiro mandato como primeiro-ministro. Por isso seria posteriormente reconhecido pela comissão dos Prémios Nobel como um historiador mundial de topo, o que representaria afinal uma maravilhosa resposta a todos os seus mestres (e até ao seu próprio pai) que sinceramente duvidaram que alguma vez viesse a ser alguém importante.

LER COMO CHURCHILL

«Os jovens, acredito, devem ter cuidado com as suas leituras, tal como as pessoas idosas com a sua alimentação. Não devem comer demais. E devem mastigar bem.»

UM ENSAIO DE WINSTON CHURCHILL EM 1934

Churchill era um leitor voraz conhecido pela sua capacidade de processar grandes quantidades de texto e de captar rapidamente os seus pontos-chave. Apresenta-se uma lista extremamente resumida de títulos e autores que aponta para a natureza eclética da sua leitura:

- *Annual Register: A Record of World Events* — Uma obra de vital referência publicada anualmente desde 1758 e que Churchill começou a ler quando ainda era uma criança. Provaria ser uma fonte fiável de conhecimentos sobre assuntos da atualidade nos quais ao longo da sua vida muitas vezes se baseou.
- Aristóteles (384-322 a. C.) — Sábio aluno de Platão e, sem dúvida, o primeiro grande cientista da história.
- Charles Darwin (1809-1882) — Naturalista Inglês que formulou as teorias da evolução e da seleção natural em *A Origem das Espécies* e *A Viagem do Beagle*.
- Edward Gibbon (1737-1794) — O historiador britânico cujo trabalho mais significativo é a *História do Declínio e Queda do Império Romano*. «Devorei Gibbon», disse Churchill. «Li-o triunfalmente de fio a pavio e adorei tudo.»

- Henry Hallam (1777-1859) — Historiador cuja *Constitutional History of England* foi particularmente influente em Churchill.
- Rudyard Kipling (1865-1936) — O poeta e contador de histórias para crianças e adultos que emergiu como o mais proeminente cronista do Império Britânico, que venceria o Prémio Nobel da Literatura em 1907 e cujas obras mais conhecidas são *O Livro da Selva* e *Kim*.
- T. E. Lawrence (1888-1935) — Também conhecido como Lawrence da Arábia, ele e Churchill tornar-se-iam amigos íntimos, tendo Lawrence sido assessor de Churchill no Ministério das Colónias nos anos 1920. *Os Sete Pilares da Sabedoria*, relato autobiográfico de Lawrence sobre o seu envolvimento na Revolta Árabe de 1916-1918, foi publicado em 1922 e tem sido citado como o livro favorito de Churchill.
- William E. H. Lecky (1838-1903) — Historiador irlandês que escreveu de forma extensiva sobre religião, racionalismo e ética. Foi também o autor de *History of England During the Eighteenth Century*, obra bem recebida pela crítica.
- Lord Macaulay (1800-1859) — Um líder político liberal, autor de uma famosa e influente *History of England*. Ainda na escola Churchill aprendera de cor outra das suas obras, sobre a história da Roma antiga, mas viria a considerá-lo como «o príncipe dos trapaceiros literários, que sempre preferiram as historietas em detrimento da verdade...», em grande parte porque Macaulay tratou de forma pouco simpática o primeiro duque de Marlborough.
- Thomas Malthus (1766-1834) — Clérigo britânico e economista político cuja principal obra, *Ensaio sobre*

o *Princípio da População*, argumentava que o controle da população humana haveria de ser sempre feito pelas guerras, pelas fomes, pelas doenças e pelos desastres naturais.

- W. Somerset Maugham (1874-1965) — Autor e dramaturgo que alcançou o estatuto de figura mundial com obras como *O Pecado de Liza*, *Servidão Humana* e *Um Gosto e Seis Vinténs*. Maugham e Churchill tornar-se-iam amigos.
- Platão (428/7-348/7 a. C.) — Uma das grandes figuras da filosofia grega.
- Winwood Reade (1838-1875) — O historiador, filósofo e aventureiro cuja influência sobre Churchill se tratará com mais pormenor no capítulo «Ficar em Paz com Deus».
- Arthur Schopenhauer (1788-1860) — Filósofo, autor de *O Mundo como Vontade e Representação*.
- Sir Walter Scott (1771-1832) — Grande romancista histórico escocês cujos livros como *Ivanhoe*, *A Noiva de Lammermoor* e *Uma Lenda de Montrose e Rob Roy* influenciaram o gosto de Churchill pela aventura.
- Adam Smith (1723-1790) — A sua obra de 1776, *A Riqueza das Nações*, serviria de base às disciplinas modernas sobre economia.
- Robert Louis Stevenson (1850-1894) — Outro contador de histórias escocês que se especializou em contos de aventuras como *A Ilha do Tesouro*, *O Médico e o Monstro* e *As Aventuras de David Balfour*.

Também se sabe que o inventário da biblioteca de Churchill incluiu coleções da obra de Jane Austen, as irmãs Brontë, Lord Byron, Thomas Carlyle, Miguel de Cervantes, Thomas

De Quincey, John Dryden, George Eliot, Henry Fielding, William Hogarth, Dr. Johnson, John Locke, John Milton, Molière, Plutarco, Edgar Allan Poe, Jean Racine e William Wordsworth, entre outros.

Para um homem que é citado na língua inglesa talvez mais do que qualquer outro, com exceção de Shakespeare, é interessante ressaltar que Churchill era também um grande colecionador de literatura. Era, achava ele, o atalho para uma fonte inesgotável de conhecimento.

«É bom para um homem sem instrução ler livros de citações... As citações, depois de memorizadas, proporcionam bons pensamentos.»

WINSTON CHURCHILL,
EM A MINHA JUVENTUDE, 1930



Churchill foi um líder carismático e inspirador,
o melhor orador do seu tempo e uma das figuras
mais marcantes do século xx.

Recebeu em 1953 o Prémio Nobel da Literatura.

O que poderemos aprender com a vida deste grande estadista?

Winston Churchill é uma das grandes figuras da história moderna. Foi um político conservador e estadista britânico, famoso principalmente pela sua atuação como primeiro-ministro do Reino Unido durante a Segunda Guerra Mundial e por assumir o compromisso de nunca se render. Conduziu o seu país de um dos seus momentos mais difíceis — isolado e a enfrentar uma possível invasão alemã — aos seus tempos áureos, conseguindo proporcionar ao mundo o tempo e o espaço necessários para poder finalmente derrotar os exércitos de Hitler.

Pensar como Churchill convida-nos a explorar as capacidades únicas que Churchill possuía para lidar com os mais profundos desafios políticos do seu tempo. Podemos aprender a pensar como o homem que ganhou a reputação de ter sido o maior britânico de todos os tempos, descodificando a personalidade e os pontos de vista de Churchill, de forma a revelar como podemos aplicar os seus métodos e pô-los em prática em todas as áreas das nossas vidas.



DEIXE-SE INSPIRAR POR ESTE LÍDER CARISMÁTICO E SIGA OS PASSOS DE UM
DOS MAIORES ESTADISTAS E ESTRATEGAS DO SÉCULO XX. APRENDA A:

Lidar com os desafios da era moderna

Estar na linha da frente • Estimular as suas ambições

Deixar um legado • Aperfeiçoar a sua ideologia

Estar à altura das circunstâncias • Nunca se render



Veja o vídeo de
apresentação
deste livro.

www.vogais.pt

v o g a i s

com todas as letras

20170 editora

ISBN 978-989-8491-48-0



9 789898 491480

Biografia